

UM DECÁLOGO PARA LER A BÍBLIA

Jaldemir Vítório

Resumo

O artigo elenca dez orientações – decálogo – para a leitura proveitosa da Bíblia. São apontados elementos relativos ao texto bíblico, as línguas bíblicas, gêneros literários, contextos das tradições, hermenêutica, métodos de interpretação e, por fim, a abertura para contínuas releituras, decorrentes da reserva inesgotável de sentido dos livros que compõem a Bíblia. Um ponto fundamental é a hermenêutica bíblica com espírito ecumênico posto em risco pelas leituras fundamentalistas e historicistas.

Palavras-chave: *Bíblia. Hermenêutica. Método. Fé. Fundamentalismo.*

Abstract

The article lists ten guidelines – Decalogue – for a fruitful reading of the Bible. Elements related to the biblical texts, biblical languages, literary genres, contexts of the traditions, hermeneutics, methods of interpretation and, finally, the openness to continuous re-reading, arising from the inexhaustible reservoir of meaningfulness from the books that make up the Bible. An essential point is, through the biblical hermeneutics with ecumenical spirit, to put out the challenges of the fundamentalist and historicist readings.

Keywords: *Bible. Hermeneutics. Method. Faith. Fundamentalism.*

A Bíblia, livro mais editado no mundo, com certeza, é o livro mais lido no mundo. Ela está nas mãos de todas as categorias de pessoas, mesmo as mais simples. Existem adultos que aprendem a ler a partir do texto bíblico. As narrativas e os ensinamentos bíblicos são, largamente, conhecidos e transmitidos. Muitas coisas são atribuídas à Bíblia, de maneira apressada, sem respaldo no texto. Quando se ouve alguém afirmar: “A Bíblia diz...”, é prudente se perguntar pela objetividade da afirmação. “A Bíblia, realmente, diz isto”?

A leitura proveitosa da Bíblia tem seus pressupostos. É preciso ter “competência” para entrar no mundo do texto bíblico, superando o nível da superficialidade e da materialidade da letra para se atingir a riqueza de mensagens escondida “por trás das palavras”¹. Santo Agostinho, em suas *Confissões* (livro 8, cap. 12), diz ter ouvido a voz de um menino ou uma menina, vinda das vizinhanças, com um canto repetitivo que dizia: “Toma e lê”! Então, agarrou a Bíblia mais próxima, abriu-a ao acaso e leu um texto da Carta aos Romanos, que o fez mudar de vida (Rm 13,11.13-14). Assim, faz muita gente, que se deixa converter por versículos tomados aleatoriamente. Entretanto, este não pode ser um comportamento habitual. Supõe-se do leitor e da leitora da Bíblia um mergulho no texto, em vista de torná-lo Palavra de Deus que “é viva e eficaz... e sonda os sentimentos e os pensamentos mais íntimos” de nossos corações (Hb 4,12).

Apresentaremos dez elementos importantes – *um Decálogo* – a serem considerados no ato de leitura da Bíblia, feita com abertura para acolher o que Deus tem a nos dizer, em vista de reforçar nossa condição de discípulos e discípulas missionários, servidores do Reino².

1. A tentação do historicismo e do fundamentalismo

Existem duas armadilhas a serem evitadas na leitura da Bíblia: o historicismo e o fundamentalismo. A leitura historicista da Bíblia consiste em considerá-la um livro de crônicas, onde são relatados acontecimentos de um passado distante, cuja veracidade não nos é possível comprovar. Aliás, as descobertas arqueológicas dos últimos séculos, muitas vezes, têm desmentido os dados bíblicos e são, continuamente, substituídas por novas descobertas³. A leitura fundamentalista toma as afirmações bíblicas ao pé da letra, sem qualquer esforço de interpretá-las⁴. O “dito” é confundido com o “afirmado”! Resulta daí o grave equívoco de atribuir à Bíblia o que está na cabeça do leitor ou da leitora, que não “escuta” o texto e, sim, faz o texto confirmar suas ideias preconcebidas. Por se tratar de questões religiosas, acaba-se por implicar Deus em coisas com as quais Ele nada tem a ver. Um caso desastroso de leitura fundamentalista da Bíblia, com graves consequências, consiste em considerar Gn 1,1–2,4a como descrição “científica” da origem do mundo, sem se questionar sobre quem o escreveu, quando, com que

1. “*Competência* significa que o leitor real conhece a língua e a linguagem com as quais a narração é construída, os elementos culturais aos quais alude, o pano de fundo ideológico sobre o qual se articula, e, mais, é capaz de atinar para a mensagem transmitida” (VITÓRIO, 2016, p. 26 – grifo do autor).

2. Vale a pena ler MESTERS, 1989, p. 90-104; CNBB, 2004.

3. Cf. LIVERANI, 2003.

4. Cf. PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 1994, p. 40-42; ARENS, 2007, p. 381-387.

finalidade, para que público-alvo... Os inúteis conflitos entre fé e ciência, cultivados até hoje, trazendo à baila o texto bíblico, são sintomas de uma postura a ser superada pelos leitores da Bíblia.

O fundamentalista não parte da Bíblia mesma, embora afirme insistentemente que o único fundamento é a Bíblia. De fato, parte de uma ideia que tem a respeito da Bíblia: a ideia de que a Bíblia é o que foi “ditado” por Deus, portanto, livre de todo erro possível, e de que é a Palavra de Deus dirigida a ele e que é inalteravelmente válida tal qual está escrita, para todos os séculos. Obviamente, para o fundamentalista, sua interpretação da Bíblia é a única válida e legítima, e, portanto, toda outra interpretação tem de ser errônea⁵.

A distinção entre a materialidade das palavras e a mensagem transmitida supõe uma correta interpretação – hermenêutica –, cujas linhas mestras foram, suficientemente, explicitadas pelos estudiosos do texto bíblico. Quando os leitores e as leitoras da Bíblia superam a tentação do historicismo e do fundamentalismo e se põem de acordo quanto aos princípios adequados de interpretação do texto sagrado, desaparecem os infundáveis quiproquós, que causam divisões e fanatismos, quando a Palavra de Deus deveria gerar união, fraternidade e solidariedade, em vista de criar o mundo querido por Deus.

2. O “espírito” das línguas originais e os gêneros literários bíblicos

Os textos bíblicos foram escritos em línguas e linguagens que não são as nossas, com recursos literários e cosmovisões muito peculiares. As línguas estão inseridas em contextos sociais, históricos, culturais, religiosos, étnicos e outros que dão às palavras, às imagens, às metáforas, enfim, ao modo de se expressar conotações nem sempre fáceis de serem captadas por quem é “de fora”. Além do mais, é trabalho árduo traduzi-las em outras línguas e linguagens dando-lhes o colorido do texto original. Que o diga o tradutor do Eclesiástico⁶. Um ditado italiano fala em “Traduttore, traditore”, ou seja, os tradutores são traidores dos textos que traduzem, pela incapacidade de repetir na tradução, exatamente, a semântica do texto traduzido.

No mundo da Bíblia, isto vale para a tradução do texto hebraico ao grego, conhecida como *Septuaginta*. Os tradutores alexandrinos, no século III a.C.,

5. ARENS, 2007, p. 383.

6. Assim diz o tradutor do livro do Eclesiástico (Sirácida), do hebraico ao grego: “Sois convidados a ler com benevolência e atenção e a serdes indulgentes, onde, a despeito do esforço de interpretação, parecemos enfraquecer algumas das expressões. É que não tem a mesma força, quando se traduz para outra língua, aquilo que é dito originariamente em hebraico, não só este livro, mas a própria Lei, os Profetas e os outros livros têm grande diferença nos originais” (Prólogo 15-26a).

tendo diante de si vocábulos cujo sentido desconheciam ou não tendo palavras que retratassem, com perfeição, o sentido original, optaram por palavras gregas que lhes pareciam convenientes, dando origem a traduções mancas. Dois exemplos: ao traduzirem a palavra hebraica *shalom* por *eiréne*, paz, passaram muito longe do sentido da palavra semita, com sua conotação de saúde, prosperidade, bem-estar, respeito pela dignidade de todos, fraternidade e ideias afins; quando traduziram *torá* por *nómos*, lei, não se deram conta que *torá* significa instrução, orientação, baliza para a caminhada, com conotação sapiencial e não jurídica. Os múltiplos exemplos de traduções distorcidas da *Septuaginta* permitem-nos considerá-la uma espécie de paráfrase do texto original hebraico, mais que tradução fiel.

Quando nos pomos a ler a Bíblia, urge assegurar-nos de ter em mãos um texto confiável. Existem traduções mais literais, feitas para estudo, de modo a facilitar a quem não conhece o hebraico ou o grego a confrontação dos textos e captar os detalhes que escapam em outras traduções. Existem traduções, chamadas de dinâmicas, que tentam captar a nuance dos originais servindo-se de linguagem perifrástica. Esse é o caso da *Bíblia na linguagem de hoje*. Outras traduções preocupam-se com o uso do texto sagrado na liturgia, na catequese, na oração ou na espiritualidade, servindo-se, para isso, de uma linguagem simples e formulando os textos com a máxima clareza, preocupadas em se manter fiéis aos originais. As edições críticas comportam notas de rodapé para facilitar a compreensão dos leitores, mormente, nas passagens cuja compreensão é problemática ou oferecendo dados para favorecer o mergulho no mundo do texto.

As línguas bíblicas originais têm seu “espírito” específico e se servem de formas de expressão – gêneros literários –, por vezes, desconhecidos dos leitores atuais⁷. Daí a necessidade de traduções confiáveis dos textos originais da Bíblia e chaves de leitura que permitam ao leitor e à leitora adentrar o mundo do texto e lhe captar a mensagem.

O progresso das pesquisas bíblicas dos últimos séculos produziu um rico e variado instrumental para o acesso ao texto bíblico. E deu origem a traduções de grande qualidade, possibilitando ao leitor e à leitora se aproximarem, o máximo possível, da mensagem bíblica original. Entretanto, permanece intocada a necessidade de os leitores e as leitoras darem-se ao trabalho de se apropriar desse instrumental, para não caírem na armadilha das leituras ingênuas, onde se projetam esquemas mentais e linguísticos de hoje sobre os textos bíblicos, de forma a produzir interpretações anacrônicas, para confirmar doutrinas religiosas impossíveis de obterem o respaldo bíblico.

A leitura bíblica exige que se dê um enorme salto cultural, histórico, religioso, linguístico..., que nos faz mergulhar no passado de um povo, nos meandros

7. Para um vasto elenco de gêneros literários bíblicos, brevemente apresentados, cf. SILVA, 2007, p. 41-65.

de um texto, para, aí, beber a sabedoria de uma fé e retornar ao presente para atualizá-la, tornando-a viva e relevante. A porta de entrada para tal aventura será o texto bíblico. Quanto maior a qualidade da tradução que o leitor e a leitora tiverem em mãos, tanto mais possibilidade terão de se abeberar da riqueza teológico-espiritual desse referencial de nossa fé.

3. Bíblia: grande narração da experiência de fé de um povo

A Bíblia é, fundamentalmente, teologia narrativa. Pode, também, ser considerada catequese narrativa, por sua finalidade de reforçar a fé e a fidelidade do povo a seu Deus, de modo especial, em tempos de crise e de risco de infidelidade. A preocupação dos narradores da Bíblia estava longe de ser a simples conservação de fatos históricos, como fazem os historiadores e os cronistas. Antes, seu foco centra-se na transmissão de uma sabedoria de vida, como humanismo religioso e teológico, caminho de salvação.

Esse dado característico da Bíblia deve ser devidamente compreendido para se evitar leituras enganosas. Enquanto teologia, o grande personagem da narrativa bíblica é Deus, presente da primeira à última página. Mesmo quando não referido de maneira explícita, Ele é o personagem principal. E, mais, tudo se define em relação a Ele. Uma rápida ilustração encontra-se na caracterização dos personagens. Os personagens bíblicos são justos ou ímpios, sábios ou estultos, corretos ou incorretos por sua relação com Deus. Este é o critério para se dizer que alguém é correto (cf. 1Rs 15,11) ou maligno (cf. 1Rs 15,34). Nas Escrituras cristãs, Deus se faz presente na pessoa de Jesus de Nazaré. Os discípulos são reconhecidos como sensatos ou insensatos, ajuizados ou sem juízo, prudentes ou imprudentes, na relação com Ele (cf. Mt 7,24-27). A Bíblia, no seu conjunto, pode ser considerada uma forma de história de Deus, por tratar dos desígnios divinos e sua implementação na história, no diálogo com o ser humano, nem sempre disposto a abraçar e a tornar projeto de vida o que percebe ser o querer divino.

Os narradores bíblicos não temem referir-se a Deus com linguagem antropomórfica, ao se referirem a Ele como se fora um humano, ou com linguagem antropopática, aplicando-lhe sentimentos humanos. Eis por que os textos bíblicos falam do braço (Ex 6,6), da mão (Is 59,1), dos pés (Sl 132[131],7), do coração (1Sm 2,35), da boca (Dt 8,3) de Deus, e, também, de sua ira (Jr 32,37), seu arrendimento (Gn 6,6), sua vingança (Is 35,4), sua alegria (Ez 18,32) etc.

Enquanto narração, a linguagem bíblica segue os parâmetros da literatura “profana”, embora as narrativas bíblicas tenham suas peculiaridades⁸. Os estudos bíblicos foram muitíssimo enriquecidos com os recursos advindos das pesquisas

8. Cf. VITÓRIO, 2016, p. 41-50.

em linguística, literatura e narratologia, no âmbito da literatura em geral⁹. As narrativas bíblicas recuperam as tradições religiosas, formuladas e transmitidas no âmbito do povo de Israel, ao longo de séculos, com uma clara finalidade de ajudar o povo a superar suas crises de fé e a caminhar na fidelidade a seu Deus (Mq 6,8). A prática da catequese histórica supôs de narradores usarem com liberdade o que tinham à disposição para construir suas catequeses, sem a preocupação de verificar se os fatos históricos correspondiam ao que narravam. Eis por que não deveriam provocar crises de fé as manchetes sensacionalistas que, aqui e acolá, alardeiam achados arqueológicos que poriam em xeque os dados bíblicos e, por consequência, a fé cristã, com seus fundamentos bíblicos. Com liberdade, os narradores falam do mar se abrindo pelo poder da vara erguida e do braço de Moisés estendido sobre ele (Ex 14,15-31); de Josué ordenando ao sol e à lua para interromperem suas trajetórias (Js 10,12-14); da força descomunal de Sansão (Jz 16,22-31); de Jesus alimentando uma enorme multidão com cinco pães e dois peixes (Mt 14,13-21), caminhando sobre as águas (Mc 6,45-52), curando um epilético (Lc 9,37-43) ou ressuscitando uma pessoa morta há quatro dias (Jo 11,1-44). O foco da narração concentra-se na mensagem transmitida em seus meandros. O leitor e a leitora avisados preocupam-se em captar a mensagem da narração, sem se colocar a questão da veracidade histórica do que se narra, como acontece nas leituras historicistas. Em se tratando de teologia narrativa, ou catequese narrativa, o desafio consiste em perceber a ação divina, perpassando a história, que se torna história da salvação.

4. O tripé: contexto – pré-texto – texto

O biblista Carlos Mesters oferece uma excelente chave para quem deseja penetrar o mundo da Bíblia¹⁰. O percurso hermenêutico é pensado em forma de tripé, com os três pés em perfeita integração, pois um não se sustenta sem os demais.

O ponto de partida é o *con-texto* em que o texto bíblico teve origem. É o “chão” em que a comunidade é desafiada a viver sua fé, em meio a desafios que vêm de todas as partes, do ambiente político, social, religioso, econômico, cultural... Trata-se, quase sempre, de ambientes hostis, nos quais manter a fé no Deus libertador significa remar contra a maré, com o risco de desanimar.

Pelo fato de a Bíblia ter sido escrita no decorrer de muitos séculos, será preciso determinar o contexto de cada texto e do conjunto dos textos bíblicos, pois a mensagem veiculada está na dependência da comunidade de fé para a qual se destinou originalmente, em determinado tempo e lugar.

9. Cf. MARGUERAT & BOURQUIN, 2009, p. 21.

10. O esquema de Mesters é aqui tomado de forma adaptada (cf. MESTERS, 1986, p. 42-47).

O passo seguinte consiste em elucidar o *pré-texto*. Essa palavra comporta, propositalmente, certa ambiguidade: significa algo que precede o texto e, também, lhe serve de motivo para ser produzido. O leitor e a leitora devem ter em mente as muitas questões que o contexto levantava para a fé da comunidade destinatária do texto bíblico, a serem elucidadas. Ou seja, os textos foram produzidos para respondê-las, a ponto de permitir à comunidade de fé caminhar com segurança, em meio aos muitos questionamentos provindos do mundo circundante.

Com o *con-texto* e o *pré-texto* elucidados, o *texto* tornar-se-á cheio de vitalidade, por ter finalidade – pragmática – bem específica em função da vivência da fé, em ambientes que a questionam. A leitura consistirá em perceber as respostas oferecidas pelo(s) autor(es) de cada texto e o caminho escolhido para fazê-lo. Nesse momento, torna-se necessário compreender a terminologia, os esquemas e os gêneros literários e outros recursos usados com o objetivo de transmitir uma mensagem – semântica – que, ao mesmo tempo em que responde à(s) questão(ões) de fundo, aponta caminhos de ação, em vista de robustecer a fé.

Portanto, é ingênua a pretensão de ter acesso imediato ao texto e atribuir-lhe certos significados, quando não se tem a paciência de perfazer as três etapas do percurso hermenêutico, que parte da comunidade de fé e a ela se volta com as luzes necessárias para se compreender o que Deus espera de seu povo.

O tripé hermenêutico usado para a compreensão do texto em si mesmo pode ser aplicado ao ato de leitura preocupado em transformar o texto bíblico em Palavra de Deus para os leitores e as leitoras atuais. Aqui, também, a leitura parte da fé vivida e a ela se volta, permitindo ao leitor e à leitora fortalecer sua fé e vivê-la com mais autenticidade e coerência. Dizendo de outro modo: parte do presente e a ele se volta, sem o risco de se permanecer no passado dos tempos bíblicos, numa forma de saudosismo e de fixação na historicidade de certos eventos, impossível de ser recuperada.

O ponto de partida, aqui, é o *con-texto* existencial do leitor e da leitora atuais, com suas múltiplas vertentes, onde vive a experiência de fé. É o *chão da fé*, na contramão de toda sorte de espiritualismo, alienação ou descolamento da história. O leitor e a leitora da Bíblia deverão ter uma consciência precisa do seu lugar social, político, econômico, religioso, histórico, cultural etc., bem como o de sua comunidade. Isso vale para a leitura bíblica no âmbito da liturgia, da catequese, da oração, da pregação, da espiritualidade ou do ensino teológico. Caso contrário, a Bíblia se torna um livro banal, sem qualquer importância para a vida concreta de seus leitores, reduzindo-se aos estreitos limites da vida privada, dos templos, dos espaços sagrados ou dos escritórios dos estudiosos e pesquisadores. O chamado *lugar hermenêutico* é determinante na leitura dos textos bíblicos. O sentido do texto bíblico que se descobre, dependerá dele. É o caso da Bíblia lida numa comunidade de periferia, preocupada em encarnar sua fé, e a Bíblia lida por grupo de cristãos burgueses, sem compromisso social.

Assim como existe um *pré-texto* do texto bíblico, existe um *pré-texto* de sua leitura. O leitor e a leitora carregam consigo questões existenciais, ligadas à fé, suscitadas no dia a dia, para as quais está em busca de resposta, como pressuposto para caminharem com segurança nos caminhos da fidelidade a Deus.

O *texto* bíblico se tornará Palavra de Deus na medida em que ajudar o leitor e a leitora a esclarecer suas questões de fé, tocando-lhes o coração e movendo-os à ação correspondente ao querer divino.

Portanto, existe *um sentido do texto bíblico em si* e *um sentido do texto bíblico para mim*. Se o leitor e a leitora são capazes de conhecer o *sentido do texto em si*, sem dar o salto do *sentido do texto para mim*, terão permanecido no puro nível literário ou historicista da leitura. Ao revés, se chegam ao *sentido do texto para mim*, sem o devido conhecimento do *sentido do texto em si*, cairão na armadilha do fundamentalismo e seu desdobramento previsível, o fanatismo.

A leitura que parte da fé vivida e ela se volta, parte do presente e a ele se volta tem a vantagem de manter o leitor/intérprete do texto bíblico sempre com o pé no chão, sem o risco de pensar a Bíblia como texto caído do céu, ou escrito por inspiração divina, como se fora um ditado, sem levar em conta sua enorme densidade humana, existencial, histórica e, por conseguinte, teológica. Só assim ela pode ser chamada de Palavra de Deus!

5. Bíblia: fruto de um continuado processo de hermenêutica histórica

Uma falsa ideia de inspiração e de veracidade do texto bíblico bloqueia a adequada compreensão do processo de “produção” da Bíblia, como chegou até nós. Muitas pessoas consideram ser verdade tudo quanto está na Bíblia por ter sido escrita sob a inspiração do Espírito Santo, que revelou aos escritores sagrados – hagiógrafos – tudo quanto deveria ser escrito, como Palavra de Deus. Daí ser incontestável tudo quanto nela está, por se ter originado, diretamente, de Deus.

O processo de formação dos escritos bíblicos e de sua edição final em forma de livro, chamado Bíblia, de fato, trilhou um caminho muito distinto e acidentado, inserido na realidade humana e feito de contínuas interpretações e reinterpretções – hermenêutica – do fato fundante da fé de Israel: o êxodo do Egito, pela ação misericordiosa do Deus de Israel em favor de seu povo¹¹. O rosto do Deus libertador e salvador, solidário com o povo escravizado e em vias de ser eliminado, serviu de chave para os israelitas de fé enfrentarem os momentos difíceis de sua trajetória histórica, haurindo forças para seguir adiante, sem esmorecer.

Um momento crucial, que exigiu uma releitura convincente da tradição da fé no Deus libertador e salvador, foi o exílio babilônico (séc. VI a.C.), em que

11. Cf. MESTERS, 1991, p. 39-45; 1975, p. 87-133.

o povo se viu mergulhado numa crise sem tamanho, com a fé passando por um processo de desconstrução. “Ó Deus, nós ouvimos com nossos ouvidos, nossos pais nos contaram a obra que realizaste em seus dias, nos dias de outrora, com tua mão” (Sl 44/43,2) expressa o longuíssimo processo de reinterpretar a história, para desembocar no embrião do texto bíblico que temos hoje.

A releitura do fato fundante da fé de Israel está presente em todas as tradições com as quais a Bíblia é tecida. As tradições históricas, jurídicas, sapienciais, proféticas, bem como a oração presente nos Salmos e em outros livros bíblicos, têm como pano de fundo a tradição do êxodo, ponto de partida da fé, no Antigo Testamento – as Escrituras Hebraicas.

A releitura não é apenas um fenômeno literário que retoma e reinterpreta algumas palavras do passado, mas tem a ver com o próprio processo de crescimento e libertação do povo e com a sua caminhada através da história. A releitura faz parte deste processo mais amplo, sem o qual não pode ser compreendida adequadamente¹².

No tocante ao Novo Testamento – as Escrituras Cristãs –, ocorre igual processo de contínua hermenêutica do fato fundante, no caso, a Ressurreição do Messias Jesus. Entretanto, as narrativas evangélicas do evento pascal, de modo muito particular no Evangelho de João, podem ser consideradas releituras da Páscoa de Jesus de Nazaré, à luz da Páscoa dos israelitas de outrora. O Deus que libertou Israel das garras do faraó foi o Pai que libertou o Filho Jesus das garras da morte e do poder opressor dos inimigos, decididos a eliminá-lo. Como o Moisés do passado, Jesus recebeu a missão de formar o novo povo de Deus, o verdadeiro Israel, para habitar a Terra da Fraternidade, sob a égide da lei do amor.

Tal hermenêutica histórico-teológica incessante, praticada por homens, mulheres e comunidades de fé, está na origem do texto bíblico. Por conseguinte, a inspiração da Bíblia resulta de um esforço hercúleo de compreender a história à luz da fé, sob a ação do Espírito Santo, com os muitos percalços encontrados no processo de busca de iluminação. O que foi produzido, conservado e transmitido corresponde, para as comunidades de fé, a verdade ensinada por Deus, em vista de ajudar seu povo a caminhar, guiado por uma sabedoria portadora de salvação. Inspiração e veracidade, aplicadas à Bíblia, estão ligadas ao esforço humano de ser fiel a Deus, na escuta atenta aos “sinais dos tempos”, em cujos meandros a voz de Deus é discernida, reconhecida e acolhida com reverência filial e cordial, por sua força de gerar humanidade e apontar aos seres humanos “os caminhos da vida”.

12. MESTERS, 1991, p. 44.

6. A Escritura Hebraica e a Escritura Cristã: dois momentos de um longo percurso da fé

Outro deslize na abordagem do texto bíblico consiste em criar uma forma de desconexão entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento. Ela se mostra em afirmações do tipo: “O Deus do Antigo Testamento é o Deus do castigo; o Deus do Novo Testamento é o Deus da graça e da misericórdia”. Ou, então, “A religião do Antigo Testamento é a religião da Lei; a religião de Jesus Cristo é a religião do amor”. “Não gosto de ler o Antigo Testamento por estar cheio de violência, de crimes e de coisas reprováveis; pelo contrário, gosto de ler o Novo Testamento, pois ele só fala coisas edificantes, especialmente da vida de Nosso Senhor Jesus Cristo”.

Essa postura desacertada pensa Jesus Cristo à margem da religião e da cultura judaica, numa forma latente de negar o mistério da encarnação e o que dele decorre. A tradição cristã está, firmemente, enraizada na tradição judaica e corresponde a uma releitura dessa tradição, a partir do evento cristão, numa dinâmica de continuidade, ruptura e superação¹³. Jesus abraça e leva adiante a tradição de Israel, reportando-se às suas fontes, ao mesmo tempo em que rompe com os desvios da religião de sua época, revelando o rosto paterno de Deus e seu Reino, o idêntico Deus libertador e salvador do passado. Trata-se do mesmo Deus acolhido de maneira nova e inusitada, a ponto de ser chamado de Pai e se poder dizer “Eu e o Pai somos um” (Jo 10,30)!

Uma atitude importante no processo de leitura das Escrituras Cristãs consiste em se perguntar pela conexão de suas múltiplas perícopes com as Escrituras Hebraicas. Uma iluminação hermenêutica acontece ao se perceber os muitos fios que interligam ambas as tradições escriturísticas, dando-lhes unidade semântica e permitindo captar a lógica da salvação através dos tempos, seus personagens, seus eventos e, mormente, a presença do Deus Providente a acompanhá-la, no desejo de vê-la chegar a bom termo.

O próprio Novo Testamento reconhece o Antigo Testamento como Palavra de Deus e, por conseguinte, admite a autoridade das Sagradas Escrituras do povo judeu. Reconhece-as implicitamente, quando usa a mesma linguagem e frequentemente alude a trechos destas Escrituras; reconhece-as explicitamente, porque cita muitas partes servindo-se delas para argumentar¹⁴.

Desconectadas de sua matriz judaica, as Escrituras Cristãs tornam-se obscuras, dando lugar a leituras despropositadas e enviesadas, sem qualquer objetividade. Cada leitor ou leitora sente-se no direito de atribuir sentidos às tradições

13. BENTO XVI, 2010, p. 80.

14. PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 1994, p. 79 – grifo no original; cf. MESTERS, 1975, p. 134-159.

neotestamentárias e defendê-los, por considerá-los verdadeiros, por não terem um referencial objetivo para lhe servir de crivo de verificação. Muitos conflitos no seio do cristianismo tiveram origem, aqui, em leituras inconvenientes, transformadas em dogmas e doutrinas, defendidas a unhas e dentes. O conhecimento do substrato judaico da tradição cristã é indispensável para a correta compreensão do movimento de Jesus de Nazaré e seus desdobramentos, se não para cada leitor ou ouvinte, pelo menos para quem quiser explicar para os outros.

7. Palavra de Deus: o que é?

“A Bíblia é a Palavra de Deus” é uma frase repetida em larga escala. Entretanto, deve ser bem compreendida para se evitar mal-entendidos. A Palavra de Deus é Deus mesmo se comunicando à humanidade, de todos os tempos e lugares, de todas as raças e línguas, povos e nações, sem qualquer distinção. Trata-se da experiência de Deus que fala ao coração e à consciência dos seres humanos, para apontar o caminho a seguir, para chamar à conversão, para confirmar certas decisões ou, pelo contrário, para questioná-las, para oferecer luz em tempos de escuridão, para descortinar horizontes. É a chamada “voz de Deus”, narrada de incontáveis maneiras por quem entra em diálogo com o Transcendente, pois somos, radicalmente, “ouvintes da Palavra”, na feliz expressão do teólogo Karl Rahner.

Aplicada à Bíblia, a expressão Palavra de Deus tem conotação distinta. Trata-se da narração da experiência de diálogo entre Deus e o Povo de Israel, ao longo de séculos, e transformada em livro – Bíblia: coleção de pequenos livrinhos – para servir de referencial para a fé de um povo em diáspora, porém, unido em torno do Deus libertador. A Palavra de Deus foi dirigida a Israel em muitíssimas circunstâncias, sendo acolhida ou rejeitada, com as respectivas consequências.

É incorreto identificar a Palavra de Deus com a materialidade do texto bíblico, como se Deus falasse diretamente no que está escrito na Bíblia. Tal erro se comete, com frequência, nas leituras bíblicas popularescas, fundamentalistas e historicistas. A Bíblia é a narração da Palavra de Deus na vida de um povo, numa trajetória secular, que serve de paradigma para se compreender experiências semelhantes, na vida de quem faz a experiência do Deus criador e salvador, nos passos do povo de Israel e de Jesus de Nazaré.

A leitura da Bíblia oferece aos leitores e às leitoras pistas para que façam a experiência pessoal de escuta da Palavra de Deus, por ser paradigma de experiência histórica do permanente diálogo de Deus com seu povo e seus desdobramentos de escuta e surdez, fidelidade e infidelidade, acolhida e rejeição, comunhão e ruptura, pecado e conversão. Ela se tornou *metarrelato* ao oferecer uma enorme riqueza de sabedoria e de ensinamentos para pessoas de qualquer tempo, lugar, cultura, língua, desde que se respeite sua condição de livro nascido da experiência de fé, com o propósito de reforçar a fé de seus leitores e leitoras.

Uma metáfora sugestiva consiste em considerar a Bíblia como “espelho”, no qual o leitor e a leitora se reconhecem ao se darem conta de que as narrações bíblicas, em última análise, são narrações da realidade de quem as lê¹⁵. Fato ilustrativo é a exclamação de uma mulher pobre e da periferia de uma grande cidade que, depois da leitura e da reflexão de Gn 12,1-9, disse: “Eu sou Abraão”! De fato, o texto bíblico ajudou-a a compreender e a narrar sua história sofrida de nordestina migrante para o sul do país, sem saber para onde ia e como haveria de sobreviver. Porém, guiada por uma certeza: “Deus está comigo! Não terei de fracassar”! Esse é o modelo de leitura fiel da Bíblia, enquanto Palavra de Deus.

Equivoca-se quem transforma a Bíblia em depósito de frases soltas a serem tomadas, arbitrariamente, para confirmar doutrinas e dogmas, cuja relação com o texto bíblico é remota. São os chamados *dicta probantia*, ou seja, frases avultadas para provar afirmações dogmáticas. Há quem abra a Bíblia ao léu, para buscar confirmação de decisões pessoais já tomadas ou reforçar certas posturas. A exclamação – “É exatamente o que eu precisava ouvir”! –, quase sempre, segue essa prática de pretender escutar Deus em versículos casualmente encontrados. Este uso abusivo do texto bíblico persiste, de modo especial, entre grupos religiosos fanáticos, autoproclamados cristãos, intransigentes na defesa de suas crenças e implacáveis com quem os questiona. Nesse caso, a Bíblia está a anos luz de distância de ser Palavra de Deus!

8. Os métodos de leitura da Bíblia: instrumental indispensável

Para entrar no mundo do texto bíblico é necessário que o leitor seja devidamente guiado, para não correr o risco de atribuir ao texto o que ele não diz, tampouco lê-lo com parâmetros de nossa cultura, projetando nele nossos preconceitos ou, pior ainda, lendo-o a partir dos dogmas ou doutrinas religiosas. As interpretações anacrônicas da Bíblia, muito correntes em grupos religiosos fundamentalistas, são teologicamente nocivas por insistirem numa imagem de Deus contrária ao Deus do Antigo Testamento e, tanto mais, ao Deus de Jesus de Nazaré.

As pesquisas bíblicas dos últimos séculos produziram um rico instrumental, indispensável para se transitar no mundo da Bíblia, sem o risco de “comprar gato por lebre”, no processo de leitura e interpretação do Antigo e do Novo Testamento. Os métodos de leitura da Bíblia permitem abordá-la sob variados ângulos, de forma a explicitar uma imensurável pluralidade de informações, necessárias para uma leitura honesta e fiel do livro referencial de nossa fé.

O método mais básico diz respeito à crítica textual, literária e histórica, com a qual se pode determinar o sentido “literal” do texto. Com ele se verifica o que

15. “A Bíblia aparece como um espelho, ‘sím-bolo’ (Hb 9,9; 11,19), daquilo que ele [o povo] mesmo vive. Estabelece-se uma ligação profunda entre Bíblia e vida que, às vezes, pode dar a impressão de um concordismo superficial” (MESTERS, 2017).

o texto diz, no momento e no contexto em que teve origem, pois a mudança de tempo e de contexto pode originar mudança de sentido, com reflexo na mensagem transmitida.

Esse método tem duas vertentes. A primeira é a *vertente diacrônica*, em que o texto bíblico é considerado em sua dimensão histórica, de forma a explicitar a maneira como se originou¹⁶. A *crítica textual* esforça-se por estabelecer um texto o mais próximo do original, considerando a forma como foi transmitido ao longo dos tempos, por obra de copistas, muitas vezes, em precárias condições de trabalho. As atuais edições críticas oferecem traduções confiáveis, com notas de rodapé explicativas, bem como excelentes introduções. Tendo a Bíblia sido escrita, originalmente, em hebraico, aramaico e grego, a *crítica filológica* ajuda a penetrar no espírito dessas línguas, explicitando a semântica de vocábulos cujo sentido preciso pode escapar aos leitores modernos e, até mesmo, aos tradutores. Basta comparar algumas traduções de um mesmo texto, muito diferentes umas das outras, para se dar conta do desafio de se produzir uma tradução fidedigna da Bíblia. A *crítica literária*, por sua vez, considera o texto no seu conjunto e em suas partes, para evidenciar os expedientes usados por seus autores no processo de produzi-lo. A *história das formas* busca determinar os gêneros literários com que os textos foram produzidos. Equivocar-se na compreensão do gênero literário, com suas regras precisas de interpretação, pode ser fatal no processo de interpretação do texto bíblico. A *história das tradições* busca compreender as várias fases da transmissão de determinada tradição teológico-narrativa, desde a sua etapa oral até chegar ao texto que se tem, hoje. De fato, a textura de um texto pode comportar muitos fios de tradições teológicas, cuja compreensão é necessária no processo de apreensão da mensagem veiculada. A *história da redação* explicita como o redator final do(s) texto(s) bíblico(s) selecionou e dispôs o material que tinha à disposição, conservado num largo processo de tradição, além de verificar se o texto final passou por distintas mãos e quem lhe deu a demão final. Um último expediente diacrônico consiste na *crítica histórica* e sua pergunta pelo que os textos bíblicos têm de verídico e de histórico, no tocante aos fatos aludidos. O recurso às informações obtidas da arqueologia, da epigrafia, da paleontologia etc. é-lhe imprescindível.

A segunda é a *vertente sincrônica* que se volta para o texto em si, na sua forma atual, sem se preocupar com sua gênese¹⁷. A *análise estrutural ou semiótica* foca o arcabouço do texto, no esforço de perceber como seus múltiplos elementos se inter-relacionam, para formar um conjunto bem-ordenado. Já a *análise narrativa*, considerando os personagens, o enredo, a temporalidade, a focalização,

16. Para uma abordagem dos métodos diacrônicos, cf. EGGER, 1994, p. 155-189; SIMIAN-YOFRE, 2000, p. 73-108.

17. Para uma abordagem dos métodos sincrônicos, cf. EGGER, 1994, p. 71-154; SIMIAN-YOFRE, 2000, p. 109-148.

os contextos e os pontos de vista presentes na narração, explicita os expedientes narrativos dos quais se serviu o narrador para transmitir a mensagem¹⁸. Se a análise estrutural corre o risco de se desinteressar da mensagem, a análise narrativa segue a direção oposta.

O rico e variado processo de leitura do texto bíblico, partindo de múltiplos contextos existenciais e se defrontando com questões bem específicas, deu origem a novos métodos de interpretação da Bíblia, úteis para a leitura bíblica engajada e enraizada na realidade, com preocupações bem concretas¹⁹. Trata-se de “abordagens contextuais” complementares do texto bíblico, em que uma não desmerece a outra²⁰. Antes, podem se completar mutuamente. *A priori*, nenhum método poderá ser descartado; na direção contrária, nenhum método poderá ser absolutizado.

São muitas as possibilidades de leitura da Bíblia: psicanalítica, materialista, feminista, afro-indígena, sociológica, da libertação, de gênero etc., cada qual com sua hermenêutica peculiar, que permite descobrir semânticas novas num texto incessantemente lido e relido. A intersecção entre elas acontece em torno da imagem do Deus libertador e salvador, ponto de partida da fé bíblica e de suas infundáveis hermenêuticas.

9. Em busca da unidade: leitura bíblica com preocupação ecumênica

A leitura da Bíblia tem sido, mormente a partir da Reforma Protestante no século XVI, motivo de conflitos e divisões entre as igrejas cristãs. As leituras em função dos dogmas, considerando-a repositório de *dicta probantia*, têm se mostrado inconvenientes e inoportunas por desrespeitarem a tradição bíblica no que pretende ser: história da ação do Deus salvador na vida dos seres humanos, para fazê-los voltar à comunhão de filhos e filhas de Deus, de família de Deus, de povo chamado a viver a fraternidade e a solidariedade.

A leitura da Bíblia, com preocupação ecumênica, supõe deixar de lado os dogmas e as doutrinas formuladas pelas igrejas e, a partir do afinamento das chaves hermenêuticas, dispor-se a ler o texto bíblico, com a preocupação de buscar juntos a mensagem transmitida, com abertura de coração. Os conflitos de interpretação surgem quando os leitores e as leitoras-intérpretes, em aberto desrespeito ao texto bíblico, buscam nele a confirmação de suas ideologias religiosas, com a pretensão de serem cristãs, incapazes de superar a materialidade da letra e de atingir-lhe o espírito subjacente. Os conflitos insolúveis nos desentendimentos

18. Cf. MARGUERAT, 2006, p. 9-37; SONNET, 2008, p. 47-92; VITÓRIO, 2016.

19. Cf. VITÓRIO, 1999, p. 323-361; REIMER, 2006, p. 33-48.

20. A expressão “abordagens contextuais” é usada pela PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 1994, p. 35.

de cristãos de uma mesma igreja ou de outra igreja, no que tange à Bíblia, resultam de um equívoco de base, de fácil solução, quando existe boa vontade. O problema, na verdade, não está no texto bíblico e, sim, na forma como é lido e interpretado. Está em seus leitores e suas leitoras! O acordo hermenêutico abre o caminho para uma leitura com espírito ecumênico, gerador de fraternidade e de comunhão, embora a fé se encarne em distintas denominações religiosas.

Abre-se, então, o caminho para acontecer o desiderato de Jesus de Nazaré, formulado num imperativo, sem necessidade de explicação: “Que todos sejam um, como Tu, Pai, estás em mim e eu em ti” (Jo 17,21). Qualquer divisão entre os discípulos e as discípulas de Jesus, por causa da interpretação do texto bíblico, é indefensável. O cultivo do ideal de unidade, deixando-se de lado os fanatismos doutrinários, permite aos leitores e às leitoras da Bíblia compreender estar trilhando o mesmo caminho – *mistagogia* – cuja meta é a comunhão com o Deus amoroso e misericordioso, Pai de Jesus de Nazaré e Pai-Mãe de todos nós.

10. Bíblia: um livro aberto

O fechamento do texto do Antigo Testamento, no final do século I d.C., e do Novo Testamento, na metade do século II, dando origem aos chamados *textos canônicos*, motivou uma explosão de leituras do texto bíblico, revelando sua inesgotável *reserva de sentido*. Esse fato revela o desafio de viver, sensatamente, a fé e de dar “a razão de nossa esperança” (1Pd 3,15), nos múltiplos contextos de tempos e lugares. Pode-se dizer que a Bíblia é um livro aberto e inacabado, a ser incessantemente lido e interpretado, de modo a permitir-lhe ser Palavra de Deus.

Os sábios judeus de Israel puseram-se a “repetir”, “estudar”, “memorizar” e “revisar” a tradição religiosa de Israel, dando origem à *Mishná*, redigida no final do século II d.C., a partir da tradição oral. A *Mishná*, primeira obra escrita do judaísmo rabínico-farisaico, perpetuou a tradição oral, impedindo-a de cair no esquecimento. Como desdobramento desse escrito basilar, nasceu o *Talmud*, do verbo hebraico *lmd*, estudar. Existem dois *Talmudim*: o *Talmud de Jerusalém* (*Yerushalaimi*) e o *Talmud da Babilônia* (*Bavli*), correspondentes aos dois grandes polos de concentração da comunidade judaica, onde o estudo do núcleo central da Bíblia – a *Torá* – acontecia nas escolas rabínicas (*yeshivot*), largamente difundidas, com diferentes correntes de interpretação. O *Talmud* é composto da *Mishná*, da *Guemará* – opiniões dos sábios sobre tópicos da *Mishná* – e das *Tossafot* – acréscimos dos sábios posteriores, levando adiante o esforço de buscar sempre novos sentidos – *midrash* – para a Escritura Sagrada. Os *midrashim* têm dupla natureza: o *midrash halaká* preocupa-se, de modo especial, com a tradição legal, numa contínua interpretação da Lei, em vista da caminhada (hebr. *halak* – caminhar) na fé; o *midrash hagadá* está focado nas narrativas bíblicas (hebr. *nagad* – narrar), em busca de sentidos escondidos dos fatos da Bíblia, a serem descobertos e atualizados.

No âmbito cristão, a atividade de reflexão sobre as Escrituras Hebraicas, servindo-se da *Septuaginta* e não das Escrituras Hebraicas, canonizadas no final do século I d.C., e das Escrituras Cristãs, canonizadas no que chamamos Novo Testamento, foi igualmente intensa, dando origem a vasta literatura. Com o surgimento das chamadas *heresias*, já nos albores da tradição cristã, foi necessário estabelecer parâmetros para a interpretação cristã, de modo a se evitar as interpretações incompatíveis com a fé, por seus desdobramentos práticos. Entre elas estavam o docetismo e o gnosticismo, combatidos pela Primeira Carta de João: “Quem reconhece que Jesus Cristo veio na carne, esse vem da parte de Deus. E todo aquele que não reconhece a Jesus, não vem de Deus. Esse é o espírito do anticristo” (1Jo 4,2-3; cf. 1Tm 3,16;). O Apóstolo Paulo foi implacável com quem ia na contramão de sua pregação. Daí ter exortado as comunidades das Galácia: “Se alguém vos anunciar outro evangelho diferente do que recebestes, seja anátema” (Gl 1,9). Como se vê, as comunidades primitivas cuidavam, atentamente, da transmissão do conteúdo da fé, para se evitar desvios, tanto doutrinários quanto ético-morais.

Tem origem, então, uma rica e vasta literatura, conhecida como *apócrifos*, com o sentido de não reconhecidos ou não aceitos como expressão da fé cristã autêntica, ortodoxia. Por seu estilo narrativo, interessado em preencher lacunas do texto canônico, muitos escritos apócrifos tiveram grande aceitação²¹. Os textos apócrifos, contendo tradições encontradas no texto canônico do Novo Testamento, são testemunhos da rica vivência da fé cristã dos primórdios, e do esforço das comunidades cristãs de manter viva a tradição recebida, mesmo com o risco de “sair dos trilhos”²².

São muitos os evangelhos apócrifos, entre outros, o Evangelho secreto de Marcos, o Evangelho de Pedro, o Evangelho de Tomé, o Evangelho de Felipe, o Evangelho segundo Maria²³. E, também, evangelhos da infância de Jesus, como o Protoevangelho de Tiago, a História de José Carpinteiro, o Evangelho do Pseudo-Mateus; escritos pseudoapostólicos, por exemplo, os Atos de Pedro, os Atos de Paulo, os Atos de João, os Atos de André e Matias; cartas, como a Carta aos Laodicenses, a Carta dos Apóstolos e a Carta de Tiago; além dos apocalipses, como é o caso do Apocalipse de Pedro, o Apocalipse de Paulo, o Apocalipse de Tomé, a Assunção de Maria²⁴.

21. Cf. FARIA, 2010.

22. “Eivados de dualismo, platonismo popular ou mesmo gnosticismo, esses escritos são em parte responsáveis pelo dualismo que até hoje pesa sobre a catequese cristã e que nada tem a ver com o espírito genuinamente bíblico” (KONINGS, 2011, p. 165).

23. Cf. PIÑERO, 2002; FREITAS, 2002.

24. Cf. KONINGS, 2011, p. 164.

Essa intensa atividade de leitura, meditação, reflexão, interpretação, oração, ensino e pesquisa em torno da Bíblia atravessou os milênios e chegou até nós. Cabe-nos levá-la adiante com responsabilidade e honestidade, de maneira que, com nossa palavra e com nossa vida a Bíblia, enquanto livro aberto, continue a ser escrita, como revelação do rosto misericordioso do Pai e do seu Filho, Jesus Cristo.

Conclusão

As dez “dicas” para uma leitura proveitosa da Bíblia servem para balizar o processo de interpretação do texto sagrado de nossa fé. Em algumas situações específicas, possivelmente, se deverão estabelecer outras, ainda mais específicas.

Com elas se evitarão as leituras aleatórias e anacrônicas, em funções de dogmas e de doutrinas, cujos efeitos de suscitar conflitos e divisões são bem conhecidos. As leituras autênticas serão, sempre, geradoras de comunhão, de solidariedade, de libertação, motivando os cristãos e as pessoas de boa vontade a se darem as mãos, deixando de lado as divergências, para praticar o bem e lutar pela justiça. Longe de criar uniformidade, a Palavra suscita unidade na pluralidade: pluralidade de igrejas e de comunidades, de compromissos sociopolíticos, de expressões artístico-culturais, de iniciativas para se criar “o outro mundo possível”. Tudo voltado para o Pai e seu Reino, anunciado e vivido por Jesus de Nazaré, o Ressuscitado, em torno de quem os fiéis se reúnem, como Povo de Deus, congregados na mesma fé, esperança e caridade.

Quando a leitura do texto bíblico foge de suas balizas, com certeza a interpretação será incorreta. E quem insistir nela estará sendo infiel ao Deus da Bíblia e a Jesus Cristo, “Palavra que se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14).

Referências

- ARENS, E. *A Bíblia sem mitos* – Uma introdução crítica. São Paulo: Paulus, 2007.
- BENTO XVI. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Verbum Domini, sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- CNBB. *Crescer na leitura da Bíblia*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004.
- EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1994.
- FARIA, J. de F. *O outro Pedro e a outra Madalena segundo os apócrifos*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- FARIA, J. de F. *Infância apócrifa do Menino Jesus: Histórias de ternura e de travessuras*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- KONINGS, J. *A Bíblia, sua origem e sua leitura*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

- LIVERANI, M. *Oltre la Bibbia – Storia antica di Israele*. Roma: Laterza, 2003.
- MARGUERAT, D. Entrer dans le monde du récit. In: MARGUERAT, D. (org.). *Quand la Bible se raconte*. Paris: Cerf, 2006, p. 9-37.
- MARGUERAT, D. & BOURQUIN, Y. *Para ler as narrativas bíblicas – Iniciação à análise narrativa*. São Paulo: Loyola, 2009.
- MESTERS, C. Sobre a leitura popular da Bíblia no Brasil. Disponível em <http://www.abiblia.org/ver.php?id=1186> – Acesso em: 10/11/2017.
- _____. A Bíblia lê a Bíblia – Sobre o fenômeno da releitura dentro da Bíblia, *Estudos Bíblicos* n. 32 (1991), p. 39-45.
- _____. Projeto “palavra-vida” e a leitura fiel da Bíblia de acordo com a tradição e o magistério da Igreja. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana* n. 3 (1989), p. 90-104.
- _____. *Flor sem defesa: uma explicação da Bíblia a partir do povo*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- _____. *Por trás das palavras: um estudo sobre a porta de entrada no mundo da Bíblia*. Vol. 1. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1975.
- PIÑERO, A. *O outro Jesus segundo os evangelhos apócrifos*. São Paulo: Mercury, 2002.
- PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. São Paulo: Loyola, 1994.
- REIMER, I.R. Bíblia e hermenêuticas de classe, gênero e etnia. In: REIMER, H. & SILVA, V. da. *Hermenêuticas bíblicas: Contribuições ao I Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica*. Goiânia; São Leopoldo: ABIB; Oikos; UCG, 2006, p. 33-48.
- SILVA, C.M.D. da. *Leia a Bíblia como literatura*. São Paulo: Loyola, 2007.
- SIMIAN-YOFRE (coord.). *Metodologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2000.
- SONNET, J.-P. L’analyse narrative des récits bibliques. In: BAUKS, M. & NIHAN, CH. (orgs.). *Manuel d’exégèse de l’Ancien Testament*. Genève: Labor et Fides, 2008, p. 47-92.
- VITÓRIO, J. *Análise narrativa da Bíblia – Primeiros passos de um método*. São Paulo: Paulinas, 2016.
- _____. Os estudos bíblicos em novas perspectivas – *Perspectiva Teológica* 31 (1999), p. 323-361.

Jaldemir Vítório
Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127 – Planalto
31720-300 Belo Horizonte, MG
e-mail: jvitoriosj@faculdadesjesuita.edu.br